



## Sociedade das Ciências Antigas

### VIDA E OBRA DE SÃO JOÃO DA CRUZ



*“Duas vezes trabalha o pássaro que se deixa prender ao visco,  
a saber: o libertar-se e o limpar-se;  
de duas maneiras sofre quem satisfaz seus apetites:  
libertar-se e, depois de liberto, limpar-se do que se lhe pegou”.*

*São João da Cruz – “Ditos de Luz e de Amor”*

#### **AS ORIGENS**

A Espanha do século XVI figura entre as maiores potências mundiais. Seu vasto império se estende às Américas, onde detém uma grande parte do continente sob seu poder. Graças à exploração colonial, os espanhóis movimentam um riquíssimo comércio, permitindo assim um desenvolvimento econômico jamais visto até então. Porém, como sempre acontece em todas as sociedades humanas, a abundante riqueza espanhola resultante dos frutos mercantilistas era privilégio de poucos; a população em geral sofria com a carestia e com a pobreza, compondo o contraste da miséria com a fartura que tristemente acompanha os incompetentes e injustos sistemas políticos e sociais humanos.

É nesta contrastante Espanha que vivem duas das principais personagens da história de vida de São João da Cruz: Catarina Alvarez e Gonçalo Yepes, seus pais. Estas duas pessoas são retratos vivos do marcante contraste social descrito no parágrafo anterior: Catarina é de origem humilde, e Gonçalo, de família nobre e abastada.

Catarina, da qual não existem registros detalhados sobre sua vida, era uma moça órfã muito pobre, e vivia juntamente com uma viúva em uma pequena casa em Fontiveros, cidade situada no planalto de Castela. Catarina era respeitada e considerada por todos por sua natureza caridosa e bondosa, além de ser uma mulher muito trabalhadora, dedicada tanto aos afazeres domésticos como ao tear, instrumento que manejava com muita habilidade. Em suma, Catarina tinha em si a verdadeira nobreza, a de alma, que é infinitamente mais valiosa do que a ‘nobreza’ que a sociedade tanto preza, a proveniente de honras e riquezas mundanas.

Gonçalo, por sua vez, provinha de uma família rica e muito famosa por seu glorioso passado militar e por seu desempenho nas ciências. E isso era confirmado pelo imponente castelo dos Yepes, testemunha deste passado de que tanto se orgulhavam os parentes de Gonçalo. Gonçalo também era órfão, e vivia com alguns tios na cidade de Toledo. Ele cuidava da contabilidade do comércio de seda de seus tios na cidade de Medina del Campo, para a qual freqüentemente viajava. No trajeto entre Toledo e Medina se encontra Fontiveros, e é nesta cidade – e em particular na casa da viúva mencionada acima – que Gonçalo se hospeda, já que mantém relações comerciais com ela.

É, em uma destas ocasiões que Gonçalo se encontra pela primeira vez com Catarina, de onde então nasce o amor que os uniu e os fez desafiar o até hoje existente protocolo social, que condena a união de pessoas cujas origens sociais são distintas. Isso, pois a união de um nobre de família com uma moça pobre foi motivo para uma total desaprovação dos tios de Gonçalo; porém, ele, movido pelo amor por Catarina, desafiou esta desaprovação e com ela se casou. Seus tios, então, o deserdaram, bem como seus ‘amigos’, tudo em nome do infame protocolo.

Com isso, Gonçalo deixou sua abastada vida para ser pobre ao lado de sua agora esposa, Catarina, na pequena cidade de Fontiveros. Aprendeu o ofício da esposa para conseguir o sustento do lar, já que seu trabalho como contador não bastou. Mesmo assim, lutando contra todas as adversidades, Gonçalo e Catarina viveram muito felizes, e logo foram brindados pela vida com seus dois primeiros filhos: Francisco nasceu em 1530; posteriormente nasce Luís, em data desconhecida.

### **INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA**

No ano de 1542, provavelmente no dia 24 de junho, na mesma cidade de Fontiveros, nasce o menino que traria luz ao mundo com sua vida repleta de santidade: João de Yepes. Ele nasce no seio de uma família feliz, porém marcada pela pobreza. Mesmo o pão, artigo raro naqueles tempos, não era feito de trigo, mas de cevada, e nem sempre havia em quantidade suficiente: eles muitas vezes passaram fome. Ademais, poucos meses após o nascimento de João, Gonçalo é acometido de uma penosa doença, vindo a falecer logo depois. A vida de Catarina e as crianças, se já era marcada pela pobreza e pela fome, agora passa a ser também marcada pela triste ausência do bravo e admirável Gonçalo, símbolo do homem elevado que trocou o ilusório valor da nobreza material por algo que era realmente valioso, o verdadeiro amor.

Mesmo diante deste triste quadro Catarina não se vê abalada. Segue determinada, com seus três filhos, até Torrijos, onde mora um dos tios das crianças, o arcediogo da Colegiada, em busca de auxílio. No caminho enfrenta, além do cansaço da jornada, a fome, o que obrigou-a a mendigar alimento. Porém, o arcediogo era um dos tios de Gonçalo que o deserdaram por causa de seu casamento com Catarina; assim, movido ainda pelo ressentimento, nega ajuda à pobre mulher. Toma novamente a dura estrada, agora em direção a Gálvez, onde mora Don João de Yepes, médico e também tio das crianças. Contrariamente ao que ocorreu em Torrijos, Don João recebeu muito bem Catarina, e ofereceu-lhe assistência, acolhendo seu filho Francisco para educá-lo e fazê-lo herdeiro de seus bens, já que não tinha nenhum filho.

Catarina, em sua viagem de volta à Fontiveros, não precisou mendigar, já que recebeu de Don João o necessário para se alimentar. Um ano depois, movida pela saudade do filho, retorna à Gálvez, onde então descobre os maus tratos e humilhações que Francisco sofre da esposa de Don João sem este o saber. Retorna então com o filho para Fontiveros, onde Francisco, demonstrando não ter inclinação para os estudos, aprende o ofício da mãe, e tornando-se também tecelão.

Neste período nova desgraça acomete a casa de Catarina: a morte de seu filho Luís. Devido à carestia que assolava Fontiveros, onde o preço do pão subia a cada dia, sem contar o fato de ter-se tornado praticamente um artigo de luxo – pois mesmo os alimentos mais básicos estavam escassos –

Catarina resolve tomar novamente o rumo de outra cidade na esperança de uma vida melhor. Segue para Arévalo, onde a existência de pequenas tecelagens de lã e seda prometem emprego para o sustento da família. Lá se fixam em 1551, já que tanto Catarina quanto Francisco, haviam conseguido emprego como tecelões.

Francisco casou-se em Arévalo com uma bondosa mulher chamada Ana Izquierdo. Juntos tiveram oito filhos, dos quais apenas um sobreviveu à infância. Um fato muito importante, que certamente influenciou o pequeno João, se refere à dedicação do irmão à vida Cristã. Francisco não se tornou um religioso, como João se tornaria posteriormente; porém, seguiu fielmente uma vida virtuosa de acordo com o Evangelho, sendo um homem bondoso, piedoso e extremamente caridoso. Tamanha é sua bondade e grandeza de espírito que seu diretor espiritual, o padre jesuíta Cristóvão Caro, dirá, na ocasião em que a santidade de São João da Cruz já estiver sendo reconhecida, o seguinte: “Francisco de Yepes é santo como seu irmão”.

A família de Catarina cresce, mas a fome e a carestia voltam a assolar; então, seguem em viagem novamente, e desta vez o destino é a cidade de Medina del Campo. Esta cidade era muito famosa por ser um importante centro comercial, em cujas feiras eram vendidos tecidos da França e Holanda, os livros impressos na Itália e os famosos tapetes de Flandres. Medina del Campo se destacava das demais localidades, já que não havia sido devastada pela carestia como suas cidades-satélites graças a seu poderio de centro comercial.

Nesta cidade, assim como em outras de grande porte, havia instituições de caridade dirigidas por eclesiásticos que acolhiam e ofereciam educação humanística e profissional a crianças pobres. O pequeno João, então com nove anos de idade, fora admitido no Colégio da Doutrina, dirigido pelos jesuítas, na qual aprendera os ofícios de carpinteiro, alfaiate, entalhador e pintor. Não demonstrou, porém, nenhuma inclinação para estes ofícios, apesar de sua dedicação e boa vontade. Talvez fora esta mesma dedicação que fez com que os diretores do Colégio da Doutrina o enviassem, juntamente com outras três crianças, ao Mosteiro de Madalena para prestar serviço como coroinhas. Não somente tinham esta incumbência, mas também deveriam auxiliar na limpeza da igreja.

Foi neste serviço junto ao Mosteiro de Madalena que o pequeno João encontrou sua verdadeira vocação na vida: o serviço a Deus. Desempenhou-se muito bem em suas funções, conquistando o respeito e a admiração de todos, a ponto mesmo de ser convidado a pedir donativos para o Colégio. Em 1556, então com 14 anos de idade, passa a servir como enfermeiro no Hospital da Conceição de Medina del Campo, centro no qual eram tratados os doentes de varíola e, como também se supõe, os de sífilis. Além desta ocupação, João também atuou como encarregado de receber as esmolas para cobrir as despesas do hospital.

Paralelamente ao seu trabalho no Hospital da Conceição, João frequentou os cursos de Gramática e Filosofia no Colégio da Doutrina desde 1559, tendo de lá saído somente em 1563, quando então decidiu ingressar definitivamente na vida religiosa.

### **A VOCAÇÃO RELIGIOSA**

Desde sua infância João de Yepes enfrentou a miséria, a fome, e logo cedo a perda de um ente querido, seu irmão Luís. Sentiu em seu coração as duras marcas impetradas pela injusta e desumana vida imposta por uma hipócrita sociedade, que valoriza os detentores de riquezas e literalmente descarta os que não foram agraciados pela sorte material. Mesmo diante de um quadro de tamanho sofrimento, João não se deixou levar pelas amarguras da vida, o que poderia, como aliás é extremamente comum, tornar seu coração endurecido e insensível. Pelo contrário: recebeu a dureza da vida com humildade, e a devolveu transformada em forma de serviço ao próximo e à Deus. Demonstrou, assim, possuir uma alma nobre desde a mais tenra idade, justificando plenamente sua posterior santidade. Esta alma grandiosa, guiada certamente pelos exemplos de bravura e fé de sua

mãe, Catarina, e de bondade e dedicação de seu irmão, Francisco, ao serviço a Deus e ao próximo, foi encontrar seu caminho em direção à iluminação na vida religiosa, mais exatamente na Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo. Explorar melhor este encontro de São João da Cruz com a Ordem do Carmelo é muito significativo não somente para se poder compreender toda a sua obra escrita, de inestimável valor espiritual, mas também para se entender todo o processo de reforma da Ordem empreendido por ele e por Santa Teresa de Ávila.

Portanto, antes de descrever o início da vida religiosa de São João da Cruz faz-se necessário um breve relato histórico e conceitual da Ordem do Carmelo.

### **A ORDEM DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA DO MONTE CARMELO**

Carmelo (do hebraico *Karem El*, que significa “vinhedo, plantação, jardim ou fruto de Deus”) é o nome de um monte (mais precisamente, uma cadeia de colinas) que se situa em Israel, próximo à cidade de Haifa:



**Vista pelo lado sul do Monte Carmelo  
em Haifa, Israel**

O monte Carmelo é mencionado na Bíblia em diversas passagens, por exemplo:

*"Tua cabeça sobre ti é tão linda quanto o Carmelo e teus cabelos como a púrpura"*  
(Ct 7,5)

"Eu vos introduzi na terra do Carmelo para que saboreásseis  
os seus frutos e o melhor que ela produz" (Jr2,7)

É no capítulo 18 do Primeiro Livro de Reis, entretanto, que o monte Carmelo adquire uma posição de destaque, pois é o palco onde se desdobra a luta do profeta Elias contra os profetas pagãos. Por volta da metade do século IX a. C. Israel era governado pelo rei Acab cuja esposa, Jezebel, era filha de Etbaal, rei dos sidônios. Estes últimos eram adoradores do deus Baal, para o qual erigiram um altar no monte Carmelo. Elias, visando restaurar a fé do povo no Deus de Israel, desafia os profetas de Baal a demonstrar o poder de seu deus, propondo-lhes o seguinte:

*"(...) Eu sou o único dos profetas do Senhor que restou, enquanto os de Baal são quatrocentos e cinquenta. Dê-nos, portanto, um par de novilhos: eles escolherão um, fã-lo-ão em pedaços, e o colocarão sobre a lenha, sem, entretanto, atear fogo por baixo; eu tomarei o outro novilho e pô-lo-ei sob a lenha, sem também atear fogo por baixo. Depois disto invocareis o nome de vosso deus, e eu invocarei o nome do Senhor. Aquele que responder pelo fogo será reconhecido como o verdadeiro Deus".*

*I Reis, 18, vers. 22 a 24*

Os servidores de Baal invocaram seu deus por toda a manhã até o meio-dia, e nada aconteceu; Elias, ao invocar o nome do Senhor, foi agraciado com o Fogo Divino que desceu dos Céus e consumiu o

sacrifício oferecido, fazendo o povo prostrar-se e dizer “O Senhor é Deus! O Senhor é Deus”. Com isso, restabeleceu-se a Fé do povo hebreu no Deus de Israel.

Este episódio bíblico é de extrema importância espiritual, pois representa uma heróica investida de um profeta solitário contra um poderoso clero apoiado pela monarquia: Elias é aqui o guerreiro que luta tenazmente em nome de Deus contra toda a idolatria que condena o povo de Israel ao erro e à ilusão. Elias (em hebraico Eliahu, אֵלִיָּהוּ - אֵלִיָּהוּ, que significa “meu Deus é o Senhor”) é o servo de Deus que experimentou a Presença de Deus na gruta do monte Horeb e que foi arrebatado aos Céus por sua santidade, demonstração explícita da comunhão que atingiu com Ele. Elias, como profeta representante da Antiga Aliança, também compareceu na Transfiguração do Senhor Jesus Cristo (Mt 17, 1-13; Mc 9, 2-13; Lc 9, 28-36).

O Monte Carmelo não foi somente o palco deste embate entre a Verdade e a ilusão, mas também consistiu na morada do profeta Elias, que habitava solitário em uma de suas grutas, seguindo uma vida santa de oração e contemplação. Com isso, o Monte Carmelo está intimamente ligado ao profeta Elias e, como tal, revestido de uma aura de intensa espiritualidade.

Com a conquista de Jerusalém em 1099 foram retomadas as rotas que ligam a Europa com o Oriente Médio. Restabeleceram-se assim as peregrinações à Terra Santa, sendo que muitas pessoas, levadas por um espírito de penitência e oração, se dirigiram ao deserto e às colinas e montanhas em busca de uma vida de intensa dedicação à Deus. Dentre estes locais figurou o Monte Carmelo, cuja aura atraiu inúmeras pessoas desejosas de seguir uma vida eremítica inspirada na de Elias.

Os primeiros eremitas que se estabeleceram por volta de 1192 no Monte Carmelo eram provenientes da 3ª Cruzada, sendo leigos e de diversas origens sociais: nobres, plebeus ou soldados. Estabeleceram-se em diversas grutas, que haviam em grande quantidade devido à constituição calcária de suas rochas. Estes ‘eremitas latinos’, como foram chamados, viviam na solidão, na contemplação e na oração, inspirados pela vida de Elias e pelos Evangelhos, e em obséquio de Jesus Cristo e da Virgem Maria.

Estes eremitas, ou Irmãos do Carmelo, erigiram um oratório em honra da Mãe de Jesus Cristo, formando então a Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, nome que atesta sua devoção Mariana. Sua primeira regra fora escrita por Santo Alberto, entregue provavelmente em 1209, e aprovada pelo Papa Honório III em 1226. Esta Regra tem espírito profundamente eremítico, e se fundamenta na solidão, oração, pobreza, castidade, obediência, meditação contínua da Bíblia e o exercício das virtudes monásticas.

Por volta do ano de 1238 os Irmãos do Carmelo retornam aos seus locais de origem devido à uma intensa perseguição dos sarracenos aos Cristãos. Com o passar dos anos, porém, o espírito eremítico original da Ordem foi sendo lentamente desfigurado, o que exigiu, então, alterações na Regra da Ordem. Com isso, a Ordem, de eremítica passou a ser apostólica, tornando-se mendicante. Seus membros passaram a ter participação ativa de apostolado na Igreja, podendo também receber o sacerdócio e a cursar universidades. A nova Regra foi aprovada pelo Papa Inocêncio IV em 1247.





**Santuário do Lago**  
**Construído entre 1622 e 1642**



**Santuário de Nsa. Sra. de Bussone**  
**Construído em 1648**

### **INGRESSO NA ORDEM DO CARMELO**

Em Medina del Campo haviam estabelecidas diferentes Ordens monásticas na época do ingresso de João de Yepes na vida religiosa: haviam os franciscanos, os beneditinos, os agostinianos, os jesuítas, os dominicanos, os premonstratenses e os trinitários, além dos carmelitas, há pouco tempo instalados nesta cidade. Escolheu os carmelitas do mosteiro Santa Ana de Medina del Campo com seu sistema eremítico-contemplativo que, mesmo tendo sido reformado ao longo da Idade Média, ainda mantinha alguma relação com suas origens, mesmo que apenas nostálgicas. Não se sabe se João de Yepes já conhecia o sistema carmelitano antes de receber o hábito, mas não se pode negar a hipótese de que ele tenha feito esta escolha segundo o ideal eremítico-contemplativo original da Ordem do Carmelo.

João de Yepes recebe o hábito da Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo no dia 24 de fevereiro de 1563, dia de São Matias, e passa a chamar-se Frei João de São Matias, em homenagem ao referido apóstolo. Inicia-se, assim, seu período de noviciado no Convento de Santa Ana.

O período de noviciado é marcado por uma rígida disciplina, visando realmente por à prova os noviços em sua dedicação aos ideais da Ordem. Somente aqueles que nutrem em seu coração o desejo vívido de seguir os desígnios de Deus de acordo com os ditames da Ordem é que seriam capazes de passar por este período. Frei João passou pelo noviciado de forma destacada por sua intensa dedicação e seriedade. Também são marcas do “jovem da Doutrina”, como era chamado, a sua amabilidade e docilidade no trato com as pessoas.

Neste período Frei João passou a conhecer – se já não havia conhecido antes – a história da Ordem com seus ideais originais. Este mergulho no passado deve ter impressionado profundamente Frei João, pois sua vida é um testemunho de dedicação plena e integral ao serviço de Deus – como assim o fizeram os primeiros Irmãos do Carmelo. O estágio presente da Ordem na época de noviciado de Frei João – cujo sistema era diferente do original – deve ter impresso na alma do jovem frei o desejo ardente de retorno ao passado.

Em 1564, em data desconhecida, porém provavelmente entre o verão e o outono, Frei João de São Matias faz sua profissão definitiva, que será presidida pelo provincial da Castela, padre Ângelo Salazar. Um vez feita a profissão, solicitou a seus superiores a permissão para observar a Regra original da Ordem sem nenhuma restrição; Frei João inicia, assim, seu mergulho na fonte primitiva da Ordem, o que não somente contribuiria para sua vida espiritual, mas também para efetuar a futura reforma que empreenderia.

No final de 1564 Frei João deixa Medina del Campo e se transfere para Salamanca visando realizar seus estudos universitários. Na época, a Universidade de Salamanca era famosa por seus cursos de Filosofia e Teologia, ministrados por professores de alto gabarito. Frei João estudou no Alma Mater e no Colégio Santo Alberto, colégio dos carmelitas que tinha como objetivo principal complementar a formação intelectual de seus alunos.

Mais uma vez o Frei João se destaca: é nomeado por seus superiores “mestre dos estudantes”, em abril de 1567, por sua dedicação aos estudos e seriedade na vida de oração. É neste período em que Frei João estuda Filosofia, o que lhe será muito útil na redação de suas posteriores obras. Isso, pois sua forma de argumentar e ilustrar seus ensinamentos – cujo aprendizado se deu certamente no íntimo de seu ser, como é explícito em seus escritos – se dá de modo filosófico, onde ele expõe sua tese e a ilustra segundo exemplos, analogias e citações das Escrituras. Estas citações, aliás, demonstram seu domínio sobre não somente o conteúdo bíblico, mas também sobre sua exegese – São João da Cruz interpreta os versículos de um modo espiritual, como autênticos símbolos que levarão a uma profunda transformação interior.

A dedicação de Frei João à vida religiosa era notória. Observava de forma rígida a Regra original da Ordem do Carmelo, buscando sempre a solidão para estar a sós com Deus em oração e contemplação. Cumpria de forma integral o mandamento do Mestre dos Mestres, Jesus Cristo: “*Quando orares, entra no teu quarto, fecha a porta e ora a teu Pai no segredo; e teu Pai, que vê em um lugar oculto, recompensar-te-á*” (Mt 6, vers. 6). Ou seja, entregava-se, na solidão, à Presença do Pai, e foi certamente nestes momentos que Deus esteve em plena comunhão com este homem santo. Santo não somente por sua canonização pela Igreja, mas fundamentalmente por sua vida pura e de exclusiva dedicação ao serviço de Deus.

Além desta profunda dedicação à oração e contemplação, Frei João purificava a si mesmo dos pesados grilhões que a natureza humana impinge. Sua doutrina de desapego e despojamento dos valores e coisas do mundo foi originária de uma vida profundamente correta, isenta do pecado. Ensina posteriormente: “*Antes morrer e deixar-se fazer em pedaços do que pecar*” (Ditames de espírito, 4).

Prepara-se para o sacerdócio com penitências, jejuns e longas horas dedicadas à oração. Foi ordenado sacerdote, com pleno merecimento, no ano de 1567, provavelmente em julho e na velha Catedral de Salamanca. Retornou a Medina del Campo no mês de setembro, onde então celebrou sua primeira missa em presença de sua mãe, Catarina, de seu irmão Francisco e de sua cunhada Ana Izquierdo.

### **ENCONTRO COM SANTA TERESA D'ÁVILA**

Conforme foi dito anteriormente, a Ordem da Bem-aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo, na época da história aqui narrada, havia em muito perdido sua essência original. Nesta Ordem haviam inúmeros religiosos que desejavam retomar aquele espírito eremítico-contemplativo característico de seus primórdios. Não somente Frei João, que desde sua profissão já observava a antiga Regra, mas também uma religiosa que iniciara o que tantos outros já ensejaram perpetrar: uma reforma que permitisse o retorno aos ideais originais. Esta religiosa é Santa Teresa d'Ávila, que funda, em 1562, na cidade de Ávila, o primeiro mosteiro reformado. Esta reforma, chamada de Reforma Teresiana, tinha como objetivo principal retomar o autêntico ideal contemplativo carmelitano característico dos primeiros Irmãos do Carmelo.

Em agosto de 1567 chega Madre Teresa ao Mosteiro de Santa Ana em Medina del Campo com a finalidade de fundar mais um mosteiro feminino. Ela também pensa em estender a Reforma para os frades, e para tanto conta com a aprovação da suprema autoridade da Ordem, o padre frei João Batista Rúbeo de Ravena, que indica seu programa de vida: “Desejamos que todos os religiosos,

filhos desta Ordem, sejam como limpidíssimos espelhos, lâmpadas ardentes, tochas inflamadas e fulgidas estrelas, para iluminar e guiar os errantes. Desejamos, pois, que se consagrem inteiramente de modo particular à contínua e familiar conversação com Deus, e que, voltados à oração discursiva ou contemplativa, se esforcem por se unirem a ele tão estreitamente de maneira que o seu espírito, ainda preso à carne, viva já no céu. (...). Por isso, movido pelo desejo de incrementar a nossa Ordem, parece-me dever aceder à petição que me foi apresentada e permitir a fundação de algumas casas de religiosos contemplativos, os quais se ocuparão de celebrar a missa, rezar, cantar o Ofício Divino; além disso consagrarão à oração, à meditação, e às outras práticas de piedade um número de horas convenientes de modo a merecer o nome de casa ou mosteiro de carmelitas contemplativos”.

Este programa de vida restabelece de certo modo os ideais dos “carmelitas contemplativos” aos moldes originais. Madre Teresa começa seu projeto expondo-o inicialmente ao padre Antonio de Herédia, prior do Convento de Santa Ana em Medina del Campo, o qual prontamente concorda em ajudar. Posteriormente, encontra-se com Frei Pedro de Orozco, que estava em Medina para celebrar a sua primeira missa juntamente com Frei João. Frei Pedro, não se interessando pelo projeto de Madre Teresa, indica-lhe a pessoa que realmente poderá auxiliá-la em suas empresas: Frei João de São Matias.

Dá-se, então, em data desconhecida, mas provavelmente situada entre os meses de setembro e outubro de 1567, o primeiro encontro de Madre Teresa com Frei João de São Matias. As idéias de Madre Teresa prontamente encontram ressonância em Frei João, que já há tempos observava a Regra original da Ordem e ensejava poder restaurar seu espírito motivador no Carmelo de então. Frei João, após fazer sua profissão, havia pensado em ingressar na Cartuxa, assim como havia feito o padre Antonio de Herédia, visando uma vida mais austera e dedicada à solidão contemplativa. Porém, tendo em mãos a oportunidade de empreender um projeto de tão grandiosa dimensão espiritual na Ordem do Carmelo, Frei João prontamente aquiesce aos propósitos de Madre Teresa, colocando-lhe somente uma condição: que tudo se procedesse da forma rápida mais rápida possível.

Nesta época, contando com 25 anos, já havia rezado sua primeira missa e se tornado celibatário. Frei João de São Matias começa a querer abandonar o Carmelo e refugiar-se na Cartuxa, onde se vive uma vida mais austera.

É quando conhece Santa Teresa de Avila ela, com 42 anos, ele com 25; Teresa convence-o a não adentrar na Cartuxa, mas viver o estilo de vida semelhante na própria Ordem Carmelita. Porém, todos tem pressa em fazer as devidas mudanças, ora guiados pelas necessidades externas, ora guiados pelas necessidades de suas almas. A compreensão entre eles é perfeita, e João é tudo aquilo que a madre Teresa deseja para começar tão árduo trabalho de reforma: amante de Deus, puro, sábio, prudente, generoso, perseverante, conhecedor do autentico espírito carmelitano e das sendas de Deus. A dupla funcionava em perfeita harmonia, Madre Teresa conseguia as ajudas políticas e, eventualmente, algumas financeiras, e João toma a frente nas novas aberturas de novos conventos, sendo ele mesmo o 1º Carmelita Descalço. Em paralelo a isso, a Ordem vai afrouxando e perdendo sua natureza mais interior.

A fórmula com a qual os primeiros Descalços juram solenemente o empenho de retornar as origens do deserto traz consigo, em finais de 1.568, o novo nome de João, agora frei João da Cruz.

A meditação da Palavra e Oração Contínua são o pão cotidiano; a vida de penitência e as mortificações beiram o exagero, como o andar descalço na neve e a auto-flagelação.

A cada novo convento, a cada dia vivido, João da Cruz se destaca pelo seu estilo de vida, pois ele vive o que ensina, pregando pelo seu exemplo diário que, segundo suas próprias palavras, “a



baixeza da criatura é infinitamente mais afastada da soberania do Criador do que as Trevas o são da Luz”.

Uma coisa é certa, todos são unânimes em apontar frei João da Cruz como um suporte a alma de Madre Teresa, devido a segurança com que ela trata as questões mais elevadas da alma e da mística humana, em particular no *Castelo Interior*, onde aborda de perto a vida de união com Deus.

### **OS PRIMEIROS CARMELITAS DESCALÇOS**

Em 1568, logo após terminar seus estudos em Salamanca, Frei João retorna à Medina para então proceder a Reforma entre os frades. Despojou-se do hábito finamente talhado da Observância, e passou a se vestir com o hábito preparado por Madre Teresa. Despojou-se também dos calçados, tornando-se assim o primeiro Carmelita Descalço. Neste período, Frei João mantém-se em constante contato com Madre Teresa, e viaja com ela para Valladolid, em agosto de 1568, para a fundação de mais um mosteiro reformado entre as freiras. Nesta ocasião Frei João não somente toma contato mais próximo com a Reforma em si, mas também auxilia, já como um autêntico Mestre, as religiosas em sua formação espiritual.

Em outubro de 1568, quando então vai até Ávila para fundar o primeiro Convento dos Carmelitas Descalços, Frei João contava com apenas 26 anos. Apesar de tenra idade, onde muitos ainda sequer cruzaram a linha demarcatória entre a vida adolescente e adulta – o que, aliás, em tempos atuais é considerado normal – Frei João já tinha uma grande maturidade espiritual. Madre Teresa se referia a ele da seguinte maneira: “O padre João é uma das almas mais puras e santas que Deus possui em sua Igreja. Deus lhe infundiu grandes tesouros de Sabedoria Celeste”.

Madre Teresa havia recebido como doação uma casa de campo do cavaleiro Don Rafael Mejía, em Duruelo, na cidade de Ávila, para lá estabelecer o primeiro Convento dos Descalços. Duruelo era uma comunidade muito pequena de famílias voltadas ao cultivo da terra, tão pequena e retirada a ponto mesmo das pessoas das redondezas não saberem mencionar sua localização. Madre Teresa se refere à casa de Duruelo da seguinte forma: “(...) Chegamos pouco antes do anoitecer. Quando entramos na casa, estava de tal maneira que não nos atrevemos a ficar ali aquela noite. Tinha um portal razoável, uma câmara com alcova, sótão e pequena cozinha. Todo o edifício era o nosso mosteiro. Pensei que do portal poderia fazer-se a igreja, o sótão servia bem para o coro, e a câmara para dormir. Minha companheira, apesar de muito melhor do que eu e muito amiga de penitência, não se conformava com a idéia de ali fazer um mosteiro e disse-me: ‘Madre, não há, com certeza, espírito que resista, por bom que seja! Não trate disto!’”. Esta casa era tão pobre que estava mais próxima de ser um estábulo.

No início de outubro de 1568 Frei João vai à Duruelo para reformar a casinha de campo de modo a abrigar o convento. Trabalha intensamente como servente do pedreiro que era um irmão converso trazido por ele de Medina.

No dia 28 de novembro de 1568 dá-se então a inauguração do primeiro Convento dos Carmelitas Descalços em Duruelo. Diante do padre Alonso Gonzáles, provincial da Castela, se prostram padre frei Antonio de Herédia – agora frei Antonio de Jesus, Frei João de São Matias – agora Frei João da Cruz, e o diácono frei José – agora frei José de Cristo, e prometem viver a segundo a Regra de Santo Alberto, isto é, a Regra original da Ordem da Bem-Aventurada Virgem Maria do Monte Carmelo.

No convento de Duruelo, padre Antonio de Jesus é o prior, e o padre João da Cruz sub-prior. Em 1569 o provincial eleva a pequena comunidade a priorado, concedendo-lhes a licença de educarem noviços segundo o modo de vida dos Carmelitas Descalços. Frei João da Cruz foi então nomeado mestre de noviços. Esta era a primeira tarefa que desempenhou como responsável pela formação

espiritual dos jovens noviços, ofício este que sempre desempenhará com muito amor e intensa seriedade.

A vida em Duruelo era muito austera, pois buscava fundamentalmente viver-se segundo o ideal eremítico-contemplativo de Elias, o Pai espiritual do Carmelo. Viviam em absoluta pobreza, e dedicavam-se à oração assídua e à meditação constante da Palavra. Apesar deste regime de profunda austeridade, os frades encontram a verdadeira felicidade, a ponto mesmo de caminharem longas distâncias, descalços, sob uma espessa cortina de neve, indo alegremente levar a Palavra de Deus nas comunidades vizinhas. Do eremitismo primitivo apenas se desviavam ligeiramente, já que exerciam a caridade e o apostolado.

Somente quem tem seu coração tocado por Deus sabe exatamente o que é deixar dos confortos e prazeres da vida para empreender uma jornada de autêntico amor ao Criador. Os Carmelitas Descalços seguiam estritamente o modo de vida do Cristo, na pobreza, no serviço, na bondade, na caridade, como que inflamados em seus corações pelo Amor Divino. Este poder transformador, o Amor a Deus, irrompe nos corações dos homens e os transmutam verdadeiramente, convertendo os odres velhos e rotos em odres novos. Com o padre Antonio de Jesus, por exemplo, ocorreu esta transformação: de homem rebuscado no vestir, que não dispensa os símbolos materiais da distinção social, torna-se homem simples, que se veste com um hábito humilde e que se despoja dos calçados. Com o gracioso toque de Deus as honrarias e mesquinhas mundanas se tornam vãs, inúteis, e quer-se tão somente apegar-se a Ele, e não mais ao mundo.

Frei João da Cruz vive intensamente inflamado pelo Amor a Deus. Importa-lhe somente buscar incessantemente sua presença, estar em sua intimidade, assim como Elias o fez. É nesta busca incessante da Fonte da Água Viva, na qual Frei João certamente bebeu, que nasce sua obra de profundo caráter místico.

### **EXPANSÃO DOS CARMELITAS DESCALÇOS**

A vida de plena dedicação a Deus dos Carmelitas Descalços atraiu a admiração de muitos jovens desejosos de seguir os mesmos passos. O pequeno Convento de Duruelo não seria mais adequado para acolher estes jovens; seria necessária uma casa maior. Don Luís de Toledo, parente do duque de Alba, oferece como doação uma igreja a Padre Antonio de Jesus quando realizava suas pregações em Mancera de Bajo, cidade próxima de Duruelo. Padre Antonio era um homem que encantava com seu modo especial de realizar o apostolado, e assim conquistou a admiração do nobre que em muito auxiliaria a recente empreitada dos Carmelitas Descalços. É fundado, então, no ano de 1570, o Convento de Mancera, e para lá se mudam todos os religiosos de Duruelo.

É neste Convento que Frei João da Cruz inicia seu magistério de forma efetiva. Mestre de noviços, Frei João da Cruz era reconhecido não somente por sua Sabedoria, mas também por sua amabilidade e virtude de hábil pedagogo. Ademais, ele era um modelo vivo do estilo de vida que deveria ser ensinado aos jovens postulantes dos Descalços. É por esta razão, por sua conduta séria e exemplar no serviço de Deus, que São João da Cruz é chamado de o Pai da Reforma.

Os Descalços seguem se expandindo: em 1570, na cidade de Pastrana, é fundado um novo convento, também por influência de Madre Teresa, no qual Frei João veio para organizar a vida do noviciado e da nova comunidade; no mesmo ano é fundado um colégio de Carmelitas Descalços em Alcalá, do qual Frei João da Cruz tornou-se reitor.



**Sagrada Virgem Maria  
do Monte Carmelo**



**São João da Cruz**

### ***FREI JOÃO DA CRUZ EM ÁVILA***

Após oito anos ausente do mosteiro da Encarnação, em Ávila, Madre Teresa a ele retorna para tornar-se priora. Neste período de ausência, Madre Teresa havia empreendido a Reforma do Carmelo. Quando se encontrou novamente no mosteiro da Encarnação, a situação em que se encontrava era de degradação material e espiritual. Grande foi a tarefa de Madre Teresa em restaurar a paz neste mosteiro; para tanto, convidou Frei João da Cruz para auxiliá-la. Em 1572 deixa a reitoria do colégio de Alcalá para assumir a função de confessor no mosteiro da Encarnação em Ávila. Sua atuação como confessor restaura a paz ao mosteiro em um breve lapso de tempo; suas filhas, as monjas Descalças, logo redescobrem, sob sua orientação, o real valor da busca de Deus. Jamais se viu um confessor tão doce, paciente, calmo, que esclarece e orienta de modo tão fácil sobre o caminho que leva à perfeição e contato com Deus. Até mesmo Madre Teresa passa a ter Frei João como seu confessor. Dele dirá: “Busco aqui e ali a luz; acho tudo do que tenho necessidade no meu pequeno Sêneca”. Frei João da Cruz passa a ser preferido entre os demais confessores, dentre os quais haviam padres que não haviam aderido à Reforma.

Um fato importante se deu em 1573: Frei João da Cruz, no locutório do mosteiro, relata a Madre Teresa os mistérios de Deus. Repentinamente, ele cala-se, e eleva-se da terra, levando consigo até mesmo a cadeira sobre a qual se sentava. Ao mesmo tempo, Madre Teresa também se vê arrebatada, e também se eleva em êxtase. Ela dirá depois: “não se pode falar de Deus com meu padre João sem que, de súbito, ele entre em êxtase, arrastando junto a si também os outros”.

Além dos êxtases conforme o narrado acima, Frei João da Cruz operou outros feitos extraordinários. Um deles se deu com a irmã Maria de Yera, que estava muito enferma e já desenganada pelos médicos. A irmã faleceu quando estava sendo transportada para um quarto mais confortável. Frei João da Cruz foi chamado imediatamente; ao chegar junto ao cadáver, ouve as seguintes palavras de irmã Ana Maria: “Padre, como é que isso pode ocorrer? Que belos cuidados teve com sua filha! Morreu sem confessar-se e sem os sacramentos”. Frei João ouviu silenciosamente, e em silêncio desceu até ao coro para rezar. Ora profundamente. Pouco tempo depois ouve a voz de irmã Maria de Yera chamando-lhe; ela havia ressuscitado! Frei João da Cruz vai a seu encontro, confessa-a, conforta-a e lhe ministra os sacramentos. Logo após a irmã fecha os olhos e parte deste mundo, serenamente.

Este episódio ficou muito conhecido em toda a cidade de Ávila, e a fama de santidade de Frei João da Cruz difundiu-se rapidamente. Entretanto, em nenhum momento Frei João deixou-se iludir pela fama conquistada, tendo mantido sempre sua incorruptível humildade.

Frei João da Cruz notabilizou-se também por seus exorcismos. Havia uma monja que era capaz de feitos extraordinários: falar idiomas sem nunca antes tê-los estudado, interpretar a Bíblia com maestria, ler pensamentos e predizer o futuro. Isso tudo sem a monja ter tido nenhuma educação em especial. Ao investigar o caso – que somente concordou em fazê-lo após a insistência de Madre Teresa e do geral dos agostinianos – Frei João da Cruz observou que a monja estava sob possessão demoníaca. Empreendeu, então, o exorcismo da monja, que confessara ter feito um pacto de sangue com o demônio aos seis anos de idade. Após algum tempo, logrou finalmente expulsar o mau espírito da monja, e passou então a assisti-la como se fosse seu pai espiritual.

### **O CAMINHO DAS PROVAÇÕES**

Após o início da Reforma empreendida por Madre Teresa, a Ordem do Carmelo passou a ter dois grupos distintos em seu seio: a dos religiosos tradicionais, observantes da Regra de Santo Alberto mitigada (chamados de Calçados), e os que observam a Regra original, os Descalços. No início, havia harmonia entre estes dois grupos; porém, com o passar do tempo, interesses mesquinhos e distantes da espiritualidade provocaram uma autêntica guerra entre eles.

Estes desentendimentos tiveram como raiz uma primeira tentativa de reforma pelo generalato de Audet. A província da Castela não aceitou as reformas ditadas pelo geral da Ordem. Isso gerou inquietação e turbulência em seus conventos, acarretando até mesmo a diminuição do número de religiosos. Filipe II, o rei, está preocupado, e quer a todo custo a implementação das reformas estabelecidas pelo Concílio Tridentino. Conseguiu junto ao papa Pio V um breve para a nomeação de padres apostólicos para os Calçados e Descalços, e nomeou, em 1569, dois comissários apostólicos dominicanos: frei Pedro Fernandez, para a província de Castela, e frei Francisco Vargas, para a província de Andaluzia. Isso tudo se deu sem o prévio conhecimento do geral da Ordem, padre João Batista Rúbeo de Ravena; quando este tomou conhecimento, solicitou junto ao papa a revogação do breve, mas não conseguiu impedir Filipe II em seu empreendimento.



**São João da Cruz**

Na província de Castela o processo se perfaz de forma pacífica; já na Andaluzia, não. Frei Francisco Vargas não soube lidar com a resistência à tentativa de reforma empreendida, e se vê então compelido a favorecer totalmente os Descalços. Esta atitude exaltou ainda mais os ânimos dos religiosos Calçados andaluzos. Em 1575, no Capítulo de Placência, a questão é julgada, já que às

vozes ressentidas dos Calçados de Andaluzia se juntaram também a dos provinciais espanhóis e portugueses; como nenhum memorial fora enviado pelos padres Descalços, ficaram sem defesa. Com isso, as deliberações do Capítulo de Placência foram totalmente desfavoráveis aos Descalços, que foram rotulados como “desobedientes, rebeldes e contumazes”. Em suma, estas deliberações significariam o fim da Reforma.

Este foi o pano de fundo dos acontecimentos que agitavam toda a Espanha e que também impactaram profundamente Frei João da Cruz. Em 1576, o prior do Carmo, padre Valdemoro, arrombou a casa onde habitavam Frei João e seu companheiro, Frei Francisco dos Apóstolos, junto ao mosteiro da Encarnação. Tudo isso se deu em função de um acesso de raiva à vista de todos. Os Calçados levaram Frei João da Cruz à Medina, para lá ficar preso; porém, como a cidade havia feito um protesto formal ao nuncio contra os Calçados, este intercedeu e ordenou, sob pena de excomunhão, que Frei João e Frei Francisco retornassem à suas atribuições de confessores em Ávila no mosteiro da Encarnação.

A prisão de Frei João da Cruz em Medina foi provavelmente curta, porém certamente penosa e violenta, a ponto de deixá-lo fisicamente debilitado.

As deliberações do Capítulo de Placência tornaram-se conhecidas dos Descalços, que logo se apressaram em preparar sua defesa. Para tanto fora convocada uma reunião a ser realizada na cidade de Almodóvar, no dia 9 de setembro de 1576, na qual deveriam todos os superiores Descalços participar. Os priores de Mancera e de La Peñuela foram enviados a Roma para não somente esclarecer os mal-entendidos acerca dos Descalços, mas também para solicitar a criação de uma província separada dos Calçados.

A situação, porém, piorou para os Descalços. Com a morte do nuncio Ormaneto, seu amigo e protetor, saem favorecidos os Calçados, já que o novo nuncio, monsenhor Segá, lhes apoiava. Era chegada a hora do golpe final contra os Descalços.

Na noite de 2 dezembro de 1577 os padres Calçados – juntamente com os quais haviam outras pessoas, inclusive armadas – invadem a casinha da Encarnação onde Frei João da Cruz e Frei Germano de São Matias se encontravam repousando. Ambos têm suas mãos atadas, e são conduzidos violentamente ao Convento do Carmo. Madre Teresa, em carta à priora de Sevilha, disse que ambos foram açoitados duas vezes e muito maltratados no dia em que foram presos. Era apenas o começo da provação injusta que Frei João haveria de passar.

### **NO CÁRCERE EM TOLEDO**

Frei João da Cruz fora enviado para o Convento dos Calçados em Toledo após sua prisão em Ávila. Em todo o caminho entre as duas cidades viajou com os olhos vendados e sofreu dos piores tratamentos. Porém, mesmo diante tanto sofrimento, Frei João se comportava de modo humilde e com sua costumeira docilidade. Este comportamento comoveu o arrieiro que o acompanhou durante o trajeto, a ponto de convencer o hospedeiro a auxiliar Frei João em uma fuga. Ao exporem o projeto ao santo, então muito debilitado, o hospedeiro e o arrieiro se surpreendem ainda mais, pois Frei João não aceita. Prefere carregar a cruz, e ensina que o sofrimento é a prova mais concreta do amor por Deus. Mais uma vez, Frei João da Cruz dá mostras de sua santidade; enfrenta até mesmo o mais triste sofrimento com paciência e humildade.

O cárcere de Toledo era um local terrível. Era um vão cravejado no muro, e não tinha janelas; a cama era composta por tábuas e duas cobertas velhas. Na ocasião da chegada de Frei João em Toledo, fazia um frio intenso, pois era inverno. Ele sofreu todo este frio, a ponto de ter a pele de seus pés removida pelos efeitos do gélido tempo. Ademais, a alimentação era escassa, composta de pão, água e uma sardinha, que às vezes nem vinha inteira. No período da ceia, Frei João era



submetido a uma intensa tortura: tinha de comer seu pão e beber sua água de joelhos para, posteriormente, ouvir as repreensões do prior e ter seu corpo açoitado até sangrar. E isso estando despido até a cintura. Esta tortura era diária quando Frei João chegou à Toledo; depois, estendeu-se três vezes por semana; e, no final, se dava às sextas-feiras.

Mas não era somente a tortura física que os Calçados impunham a Frei João da Cruz; a tortura psicológica também era empregada. Alguns padres paravam próximo à sua cela e conversavam sobre qual fim deveria ser dado a ele, ou como jogá-lo em um poço para que não restassem vestígios; de que somente sairia do cárcere para ser enterrado em um cemitério de excomungados, ou de como encerrariam a Reforma.

No verão, Frei João da Cruz sofre não somente por causa da fome e da sede, mas também por causa da febre e de insetos. O ar era pestilento. Sua túnica era a mesma com a qual entrou, e estava em farrapos; nunca foi-lhe permitida a troca. Sofria de uma disenteria sangüínea. Mesmo assim, Frei João da Cruz suportou tenazmente. Certa noite uma luz brilhou na escura cela onde Frei João estava encarcerado; o superior, vendo a luz de grande intensidade que brilhava, gritou: “De onde vem tanta luz? Não permiti que lhe fosse dada”. Logo em seguida a intensa luz desapareceu. Era, certamente, uma mensagem dos Céus, já que lá estava injustamente encerrado um homem santo.

Em uma outra noite a luz também toma posse da escura cela, e dela Jesus diz: “Estou aqui para te libertar de todo o mal”. Na noite seguinte frei João recebe a visita de Nossa Senhora, que lhe diz: “Tem paciência, meu filho, porque as tuas provas logo terminarão. Sairás da prisão, dirás missa e serás consolado”. É fácil de ver que nestes episódios Frei João alcança os mais profundos estágios de contato com Cristo e a Virgem Maria.

Neste período de intenso sofrimento Frei João compreende, por iluminação interior, os mistérios da Cruz. Padre Irineu de Lyon dizia que “Deus se fez Homem para que o Homem se tornasse Deus”; se Deus se fez Homem na pessoa de Jesus Cristo, que foi injuriado, humilhado, caluniado e condenado ao sofrimento da cruz para depois de sua morte atingir a Ressurreição, porque não haveria o Homem de sofrer o martírio da cruz para tornar-se Deus? O sofrimento é a chave da transformação espiritual, da transformação do Homem em Deus, pois nada pode transformar-se sem perder sua forma original; o que é esta perda da forma, senão uma maneira de sofrer? O homem comum, corrupto em sua natureza não é nem uma pálida sombra do Homem que torna-se Deus: este é como um Homem novo, nascido espiritualmente do homem comum; mas como pode um Homem Novo nascer sem o velho homem ter morrido? Eis o mistério da cruz: para transformar-se é necessário morrer, e morrer significa seguir pelo caminho do sofrimento.

Esta doutrina do amor à Cruz será um dos pontos-chave da obra de Frei João. É por meio dos sofrimentos do cárcere que Frei João inicia a composição de suas primeiras obras: a *Subida do Monte Carmelo*, o *Cântico Espiritual* e suas *Poesias*. Ele certamente não tinha permissão de escrever, mas sua doutrina já está registrada em um lugar que jamais poderá ser profanado: sua própria alma.

Certo dia Frei João tem uma nova visão onde Nossa Senhora lhe mostra como fugir do cárcere. Auxiliado pelo novo carcereiro, um homem bondoso, Frei João da Cruz foge da prisão de Toledo, e se refugia no dia seguinte no Convento das Descalças. Lá chega doente, com espessa barba, com o hábito em pedaços e sujo. Era a oitava da Assunção do ano de 1578.

### **A RECUPERAÇÃO E O COLÉGIO DE BAEZA**

Frei João ficou cerca de dois meses em recuperação no Hospital da Santa Cruz de Toledo sob proteção de Don Gonzáles de Mendonza, que era o cônego da catedral e administrador do mesmo hospital. De lá saiu para uma reunião de Descalços nas vizinhanças de Almodóvar, reunião esta

convocada pelo padre Antonio de Jesus – antigo prior de Duruelo – para discutir meios de lutar contra as insistentes tentativas, por parte dos Calçados, de por um fim à Reforma. Nesta mesma oportunidade Frei João da Cruz é eleito Vigário do Convento do Calvário em Jaén.

No caminho para Jaén Frei João da Cruz faz uma parada no Convento das Descalças de Beas, na Andaluzia. Já esgotado fisicamente, pede às irmãs que o acolham por alguns dias; a priora, Madre Ana de Jesus, o recebe amavelmente. Frei João está fisicamente debilitado, e cada um de seus movimentos lhe causa dor, reflexo das contínuas torturas a que fora submetido na prisão em Toledo. Fala com dificuldade, mas em Beas torna-se confessor e faz conferências às monjas.

Certa vez, em Beas, ao ouvir um cântico que lhe fez recordar as graças obtidas durante seu encarceramento em Toledo, Frei João atinge novo êxtase, e eleva-se do solo, ficando no ar por uma hora. As monjas testemunham o ocorrido com alegria, pois vêem a plena manifestação da Glória de Deus em um de seus iluminados servos, o santo Frei João da Cruz. Após voltar a si, explicou às monjas a iluminação que recebeu no cárcere em Toledo, como os sofrimentos pelos quais passou trouxeram-lhe entendimento sobre os mistérios da Cruz.

Após estar recuperado, Frei João deixa o Convento de Beas e segue até Jaén, onde assume seu cargo como Vigário do Convento do Calvário no mês de novembro de 1578. Lá permanece oito meses; porém, durante este período, Frei João da Cruz visita freqüentemente o Convento de Beas, onde deixou muitas filhas espirituais. Em Beas atua como confessor e orientador espiritual das monjas que tão carinhosamente o acolheram como pai.

Um episódio ilustrativo da santidade de Frei João da Cruz se dá na cidade de Iznatorafe, no mesmo período em que ele está no Convento do Calvário. Frei João lá se encontra para exorcizar um possesso; ao encontrá-lo, ouve as seguintes palavras: “Agora temos na terra outro Basílio para nos perseguir”. Nas demais vezes que fora até esta cidade para continuar o exorcismo, eis que lhe chega uma mulher e se oferece abertamente. Frei João da Cruz, amavelmente, não cede à tentação e chama-lhe a atenção, exortando-a a viver uma vida mais pura segundo as leis de Deus.

Vê-se, com isso, o quanto Frei João é tentado; porém, com sua vontade férrea de plena dedicação à Deus não cai nestas artimanhas da ilusão. Pelo contrário: ensina, em seus escritos, o quão importante para a alma sedenta por Deus desapegar-se dos gostos e apetites da carne. Eis um pleno exemplo de um homem que vive estritamente aquilo que prega.

Na cidade de Baeza, situada também na província de Jaén, as constantes solicitações dos professores da Universidade fizeram com que os superiores abrissem uma nova casa de estudos para os carmelitas nos moldes do Colégio de Alcalá. Frei João da Cruz participou ativamente de sua fundação, que se deu no dia 14 de junho de 1579, e se tornou seu primeiro Reitor. Como sempre atuou nas diversas vezes que se encarregou da formação de pessoas – seja como mestre de noviços, prior, reitor, ou ocupação semelhante – Frei João da Cruz fez desta função uma grande responsabilidade, cumprindo seriamente a importantíssima missão de encaminhar almas com toda a sua dedicação e amor.

No ano de 1580 a mãe de Frei João, Catarina, é contagiada pela epidemia que assolava a Espanha, a do “catarro maligno”; morre, neste mesmo ano, esta mulher de extrema fibra que merece ser lembrada por todos como um exemplo de alma digna e verdadeiramente nobre.

## **O PERÍODO ANDALUZ**

Enquanto os fatos narrados da vida de Frei João da Cruz em Baeza se desencadeavam, a perseguição dos Calçados aos Descalços ainda insistia em existir. O núncio, monsenhor Segá, que favorecia os Calçados, considerou o Capítulo de Almodóvar um ato de rebelião, e pôs-se a

excomungar religiosos e efetuar prisões. Porém, uma intercessão do conde de Tendilla, defensor dos Descalços, junto ao rei Filipe II faz com que o nuncio proponha uma comissão que viesse a averiguar esta questão e que a solucionasse de uma vez por todas.

Após os trabalhos desta comissão, o nuncio revoga as prisões dos Descalços e recomenda ao rei dirigir uma carta ao Papa solicitando o estabelecimento de uma província independente para os Carmelitas Descalços. No dia 22 de junho de 1580 o papa Gregório XIII assina o Breve da Separação, que então consolida a solicitação de Filipe II.

Entre os dias 3 e 16 de março de 1581 Frei João da Cruz participou do Capítulo da Separação, em Alcalá, onde então se erigiu a Província independente dos Carmelitas Descalços. Padre Jerônimo Graciano da Mãe de Deus foi eleito provincial; Frei João da Cruz e padre Antonio de Jesus foram eleitos definidores.

Após o Capítulo Frei João da Cruz retorna a Baeza, onde fica por pouco tempo. Viaja a Caravaca, onde no dia 28 de julho preside a eleição de Madre Ana de Santo Alberto como priora. Em novembro do mesmo ano Frei João da Cruz dirige-se à Ávila para reencontrar-se com Madre Teresa e participar da fundação de outro Convento de Descalças em Granada. Este encontro entre os santos foi o primeiro após a libertação de Frei João da prisão em Toledo, e seria o último deles nesta vida. Madre Teresa não participou, porém, da inauguração do Convento das Descalças, que se deu no dia 20 de janeiro de 1582 com a participação de Frei João da Cruz. Ela estava envolvida na fundação do convento de Burgos, e por isso não pode estar presente em Granada.

Em Granada havia um Convento de Descalços que havia sido fundado em 1573. Recebeu o nome de Convento dos Mártires devido à colina de mesmo nome, prestando-se assim uma homenagem aos cristãos martirizados pelos muçulmanos que posteriormente foram enterrados em buracos na terra. Frei João da Cruz fora eleito como seu prior, cargo este que assumiu na ocasião da fundação do Convento das Descalças em Granada, entre os dias 25 a 30 de janeiro de 1582.

O período em Granada foi riquíssimo, pois Frei João da Cruz redigiu a maior parte de seus tratados espirituais; em 1582 inicia a composição das obras *Chama Viva de Amor* e *Noite Escura*.

No ano seguinte, 1583, ocorre o Capítulo de Almodóvar, onde então é confirmado prior do Convento dos Mártires em Granada. Neste cargo Frei João se dedica intensamente na formação espiritual de seus filhos, como sempre o fez, já que este é, segundo seu conceito, um ofício de extrema responsabilidade. Também realiza toda a sorte de trabalho braçal para expandir o convento, fazendo inclusive as vezes de pedreiro.

Em 1584 Frei João da Cruz conclui a redação de duas de principais obras: a *Primeira Redação* do *Cântico Espiritual*, e a *Chama Viva de Amor*.

O ano de 1585 inicia-se para Frei João da Cruz com a fundação de mais uma casa de Descalças em Málaga, no mês de fevereiro.

No dia 10 de maio de 1585 o padre Graciano, então provincial, convoca o Capítulo dos Descalços para a cidade de Lisboa. Neste Capítulo foi efetuada a eleição de um novo provincial, pleito este que teve como vencedor padre Nicolau Dória, na ocasião prior de Gênova. Padre Dória havia sido indicado pelo então ocupante do cargo, padre Graciano. Frei João da Cruz, que então havia sido eleito Segundo Definidor, ao ver o contentamento de padre Graciano pela vitória de seu candidato, disse: “Vossa Reverência fez provincial aquele que há de lhe tirar o hábito”.

De Lisboa Frei João da Cruz vai novamente à Málaga a pedido das monjas; após viajar pela Castela chega a Pastrana no mês de outubro a fim de participar do Capítulo convocado pelo novo

provincial, Padre Dória. O principal assunto em pauta fora a reorganização da Província, cuja centralização em uma única pessoa não seria mais conveniente para administrar um número tão grande de casas de Carmelitas Descalços; com isso, foi decidida a divisão da Província em quatro sub-províncias, cada uma sob a direção de um Vigário Provincial. Frei João da Cruz é eleito então Vigário Provincial da Andaluzia, que dirigiria de Granada, devendo, porém, resignar de seu cargo de prior.

O ano de 1585 fora marcado não somente pelas intensas viagens empreendidas por Frei João, mas também pela conclusão de duas obras de grande relevância: *A Subida do Monte Carmelo* e a *Noite Escura*.

O ano de 1586 também foi marcado por inúmeras viagens de Frei João por ocasião de seu novo cargo. Vai no mês de fevereiro a Caravaca, em maio a Córdoba para a fundação de uma casa de Descalços, e em junho viaja para Sevilha, Ecija, Guadalcázar e Córdoba novamente. Mesmo estando sua saúde frágil, ele abraça sua responsabilidade com toda a dedicação que lhe é costumeira; particularmente, em Guadalcázar, Frei João adoece a ponto de ter de ser socorrido por médicos. Sofre de dores atrozes nos lados e de um abscesso pulmonar. Diz a frei Martinho que o acompanha: “Não é ainda chegada a hora de minha morte. Não importa o que digam os médicos. Sim, sofrerei muito com esta doença, mas não morrerei, pois ainda não está bem preparada a pedra para edifício tão santo”.

Ao cuidar de Frei João da Cruz, frei Martinho descobre um cilício<sup>1</sup> ao redor de seu corpo, cujas pontas já estavam cravadas na pele. O sangramento é intenso, e frei Martinho teme pela saúde de Frei João.

Frei João nem aguardou sua total recuperação e logo empreendeu novas viagens. Vai a Córdoba ainda em junho e posteriormente a Málaga, no mês de julho. Nos meses de agosto e setembro viaja a Toledo e depois a Madri para participar da Junta de Definidores. O encontro iniciou-se no dia 13 de agosto, porém sem as presenças do padre Graciano, cuja ausência fora considerada como um ato de revolta contra o provincial e aos definidores, e de Frei João da Cruz, que chegaria atrasado.

Após a Junta, no mês de outubro, Frei João viaja para Manchuela, a fim de fundar um Convento de Descalços, cuja inauguração ocorreria no dia 12 do mesmo mês. Viaja em novembro novamente para Málaga e posteriormente para Granada, a fim de presidir a eleição da priora das Descalças. Em dezembro vai a Caravaca para a fundação de mais uma casa de Descalços nesta mesma cidade.

Mesmo sendo 1586 um ano tão atribulado por causa das viagens e da doença que o acometeu, Frei João não deixa de produzir: escreve a *Segunda Redação do Cântico Espiritual*.

O ano de 1587 não será diferente do anterior quanto às viagens: entre janeiro e fevereiro vai à Madri a pedido do padre Dória, e em março viaja para Caravaca e Baeza. No dia 18 de abril participa do Capítulo provincial em Valladolid onde, terminado seu mandato como definidor e Vigário Provincial, é eleito novamente prior do Convento dos Mártires. Ficará neste cargo em Granada somente por mais um ano, até julho de 1588.

## **OS ÚLTIMOS ANOS**

Entre os dias 18 de junho e 11 de julho de 1588 ocorre em Madri o Capítulo Geral da Reforma. Frei João da Cruz é eleito primeiro definidor geral e terceiro conselheiro da “Consulta”. Vai até Segóvia, cidade escolhida como sede da Consulta, e é nomeado prior da casa de Descalços desta localidade. Frei João continua sendo prior do Convento dos Mártires, sendo representado em Granada por um

---

<sup>1</sup> túnica ou cinto largo de crina ou lã áspera, por vezes provido de puas, que se trazia sobre a pele por mortificação

Vigário. No mês de março de 1589 renuncia a seu cargo de prior em Granada para dedicar-se somente ao priorado de Segóvia.

Em Segóvia Frei João da Cruz trabalha de forma intensa para a ampliação da casa, fazendo também, como de praxe, as funções de pedreiro. Há próximo uma gruta escavada na rocha onde Frei João costumeiramente se refugia para entregar-se a Deus. São freqüentes os êxtases e o estado de plena comunhão com o Criador experimentados por ele.

No ano de 1590, mais precisamente no dia 10 de junho, tem início o Capítulo Extraordinário em Madri, no qual se propõe a expulsão do padre Graciano; Frei João da Cruz é contra, pois argumenta haver meios para efetuar uma punição corretiva sem a necessidade do recurso último que seria o desligamento da Ordem. Um ano depois, em 1º de junho de 1591, participa do Capítulo Geral Ordinário, novamente em Madri, do qual sai sem ser eleito para nenhum cargo.

Há de se perguntar: porque o Primeiro Descalço e homem de fundamental importância para a Ordem seria esquecido totalmente? A ingratidão humana não conhece obstáculos quando a ganância e a sede de poder despertam. A vida de Frei João, retrato vivo do ideal da Ordem dos Carmelitas Descalços, já não corresponde mais às aspirações dos então superiores da Ordem; ademais, a oposição de Frei João da Cruz aos interesses de padre Dória (como seu repúdio às tentativas de exclusão do padre Graciano e a defesa das Descalças) fizeram com que sua presença não fosse mais desejada, pois ameaçava os objetivos do provincial e de sua cúpula. Com isso, Frei João da Cruz é afastado definitivamente da esfera de comando da Ordem: inicialmente o definitório aceita sua proposta de ser transferido ao México, o que seria declinada logo em seguida; em contrapartida os superiores oferecem o priorado de Segóvia, que Frei João não aceita. Em agosto de 1591 é enviado ao Convento de La Peñuela como súdito.

Em La Peñuela Frei João vive na completa solidão. Apesar de toda a incompreensão e ingratidão que os próprios irmãos Descalços tiveram para com o principal responsável pela Reforma entre os frades, Frei João recebe toda esta humilhação e indiferença com extrema humildade. Ele vê nas canhestras intenções humanas a Mão da Providência, que opera no sentido de, através do sofrimento, levar o homem a enxergar a Verdade. Eis o mistério da Cruz, tão ignorado pelos homens e eleito por Frei João da Cruz como um dos pontos-chave de sua doutrina. Ele ensina o mistério da Cruz por sua própria experiência; como resultado, chegou à tão almejada união com Deus, e ensina aos homens o caminho a ser tomado para alcançar tão iluminado objetivo.

Frei João aproveita seu isolamento em La Peñuela para mergulhar profundamente na oração, na contemplação, na doação total à Deus. Frequentemente é visto nas grutas do convento, onde permanece horas em recolhimento. Frei João vive intensamente a intimidade de Deus.

Porém, no mundo exterior, longe do dulcíssimo encontro com a Majestade Divina, a maldade humana continua a operar. E mesmo dentre os religiosos, o que jamais deveria ocorrer; pois, afinal, se seu único objetivo é Deus, porque haveriam de urdir tramas inescrupulosas para lograr uma vingança ou para ter suas intenções egoísticas realizadas? Mas, como onde reina o homem reina também a imperfeição, eis que do seio da Ordem dos Carmelitas Descalços, com ideais tão elevados cultivados pelo próprio Frei João da Cruz, surge um de seus principais perseguidores: padre (será que mereceria este tão honrado e nobre título?) Diogo Evangelista.

Padre Diogo Evangelista havia sido repreendido no passado por Frei João da Cruz por seu excessivo apostolado em detrimento da observância da vida contemplativa. Nutriu, assim, sentimentos de ódio a Frei João da Cruz, e aproveitou da ocasião de ser eleito definidor no Capítulo de Madri para vingar-se. Tencionava provocar a expulsão de Frei João da Ordem, assim como o provincial tramava mesma sorte para o padre Graciano. Montou um processo para atacar a pessoa



do santo e de destruir seu prestígio como autêntico Homem de Deus. Mas, como atacar a moral e os princípios de um homem já santificado por sua vida irrepreensível?

Isso seria impossível. Entretanto, como a vileza do espírito vingativo cega os homens, padre Diogo usou dos artifícios mais vis possíveis para forjar documentos contra Frei João da Cruz. Vai a cada mosteiro visando coletar informações contra o santo. Como não as encontra, ameaça os religiosos e religiosas a assinarem declarações sem nenhum fundamento, mentirosas, sob penas de punição e excomunhão. Frei João, sendo avisado dos intentos malignos do padre Diogo, e sendo recomendada sua defesa, responde em sua humildade com um absoluto silêncio.

Porém, as acusações de padre Diogo não encontraram a total anuência do geral padre Dória, que não fecha o inquérito contra Frei João (não se sabe o porquê, já que tinha dado poderes quase absolutos ao padre Diogo para proceder à ‘investigação’ mentirosa). Este infame ‘processo’ foi justamente queimado por Frei Elias de São Martinho quando eleito geral em 1594.

Não eram somente as humilhações morais que atacavam Frei João da Cruz. Males físicos também começaram a minar a resistência do santo. Uma inflamação na perna direita causa-lhe febres constantemente. O prior de La Peñuela, frei Diogo da Conceição, propõe que Frei João da Cruz seja levado ou ao Convento de Baeza ou ao de Úbeda, onde poderia ter tratamento médico e remédios. Isso, pois o Convento de La Peñuela era totalmente isolado, longe de qualquer cidade que pudesse propiciar ao santo um tratamento adequado.

O prior de Baeza era frei Ângelo da Apresentação, que tinha grande estima por Frei João da Cruz; já com o de Úbeda, padre Francisco Crisóstomo, ocorria o contrário. Frei João o havia repreendido por sua dedicação demasiada ao apostolado em prejuízo à vida espiritual. Com isso, frei Francisco nutria ressentimentos contra Frei João da Cruz.

Frei João da Cruz escolheu Úbeda para tratar-se. O trajeto de La Peñuela para Úbeda foi penoso e difícil, tendo a enfermidade de Frei João importunado-lhe muito. Não comia já há alguns dias. Ao chegar à Úbeda, em setembro de 1591, foi muito carinhosamente acolhido por seus filhos, menos por frei Francisco. Este lhe dá como cela a mais pobre e estreita do Convento, tendo um leito totalmente inadequado para nele repousar um enfermo. Frei João nem mesmo pode receber as visitas de seus queridos filhos por ordem expressa de frei Francisco.

Frei Francisco humilha Frei João o quanto pode, a ponto mesmo de querer que seu tratamento seja suspenso; frei Bernardo, encarregado dos cuidados a Frei João, ao saber da ordem expressa do prior escreve ao provincial, padre Antonio de Jesus (o mesmo que auxiliou o Primeiro Descalço na fundação de Duruelo) e relata-lhe os maus tratos dispensados ao santo. Padre Antonio foi averiguar pessoalmente o caso, e vendo as condições em que Frei João se encontra, repreende veementemente o prior, e lhe ordena que permita as visitas e que provenha o tratamento necessário ao enfermo.

A doença de Frei João da Cruz se agrava. O médico responsável por seu tratamento, doutor Ambrosio de Villareal, tem de fazer incisões profundas na perna lesada, sem anestesia. A inflamação é virulenta e se abre em cinco chagas em forma de cruz. A mais dolorida de todas se localiza onde, imagina-se, tenha sido cravado o prego nos pés de Jesus. As feridas não cedem diante da inflamação, e a formação de pus é constante. O médico se vê então obrigado a realizar nova e dolorosa cirurgia, na qual deve descarnar parte do pé e da perna de Frei João. O médico, após a cirurgia, refere-se à tenacidade de Frei João como por meio das seguintes palavras: “Sofreu as dores mais atrozes com uma paciência que não há igual”. O pus retirado das chagas não apresentam mau cheiro; frei Diogo, por exemplo, recolheu o pus da cirurgia e usou-o como unguento, que curou sua dor de cabeça imediatamente. As mulheres que lavavam as bandagens empregada nos curativos também notavam que não apresentavam mau cheiro; pelo contrário, exalavam um perfume de rosas.

A doença progride, causando dois abscessos na altura dos rins e um nos ombros. O sofrimento se faz cada vez maior; e Frei João, dotado da mais pura paciência e, fundamentalmente, do Amor a Jesus Cristo, resiste tenazmente, e agradece o martírio que enfrenta pois, como Cristo, suporta na carne as humilhações do corpo físico.

Frei João da Cruz parece já saber que sua hora estava chegando. Desde o dia 6 de dezembro de 1591 perguntava qual era o dia e a hora em que se encontravam. No dia 13 de dezembro pede para que chamem o prior; já pressente que lhe restam apenas algumas horas de vida e, com humildade santa, pede ao mesmo que lhe faça a caridade de dar-lhe o hábito como esmola para que seja sepultado, já que nada possuía. Também pede-lhe perdão pelo incômodo que havia causado à comunidade devido a sua doença. Por fim pede-lhe a bênção. Frei Francisco aquiesce aos pedidos de Frei João e, tocado por atos de tamanha humildade, tem seu árido coração desperto. Liberta-se do maligno espírito vingativo e chora, poucas horas antes da morte do santo, debruçado sobre seu leito.

Às 17 horas do dia 13 de dezembro Frei João da Cruz solicita a Unção dos Enfermos e pede a todos perdão. Também pede que lhe tragam a Hóstia; os demais religiosos, inclusive o amigo padre Antonio de Jesus, desejam ficar junto do santo. Ele, porém, pede para ficar sozinho, e diz que os chamará no momento oportuno. Às 21 horas diz o santo “Ainda três horas”, e se recolhe em profunda oração. Quando retorna à si pergunta as horas à frei Pedro; quando este lhe diz que são 23 horas e trinta minutos, o santo pede para que chame os demais padres.

Os padres vêm à cela de Frei João da Cruz e este, usando uma corda que pende do teto, se senta. Juntamente com os religiosos dizem o *De profundis*, e posteriormente salmos, dentre os quais o *Miserere*. Ao tocar o sino da meia-noite, Frei João reconhece o chamado e, apertando junto a si o crucifixo, diz palavras de devoção. Fita um a um com olhares de amor e gratidão. Depois, de forma serena, deixa seu corpo para unir-se definitivamente com Aquele que foi sempre seu Amado e que o buscou a cada instante de sua vida: Deus.

Frei Diogo, que o tinha entre os braços na hora de sua passagem ao Oriente Eterno, diz que vira sobre o leito “um grande esplendor em forma de círculo. Brilhava como o sol e a lua, e as lamparinas que estavam sobre o altar e as duas velas que estavam na cela, como que circundadas por uma nuvem, pareciam não dar mais luz”.

São João da Cruz, homem iluminado por sua vida santificada, parte então à meia-noite do dia 14 de dezembro de 1591, um sábado.

Aos 25 de janeiro de 1675 é beatificado pelo Papa Clemente X. Sua canonização deu-se no dia 27 de dezembro de 1726 pelo Papa Bento XIII. E no dia 24 de agosto de 1926 o Papa Pio XI, o Papa Carmelitano, proclama-o Doutor da Igreja, chamando-lhe Doutor Místico.

## **ORAÇÃO**

Senhor, Nosso Deus, que inspirastes a São João da Cruz  
extraordinário amor à Cruz e perfeita abnegação de si mesmo,  
concedei que, imitando o seu exemplo,  
cheguemos à contemplação eterna da vossa glória.  
Por Nosso Senhor Jesus Cristo  
Amem

## **OBRAS**

Cântico Espiritual (Primeira Redação entre 1578 e 1584; Segunda Redação em 1586);

Ditames de Espírito (Ensinamentos de São João da Cruz anotados por seus discípulos, principalmente por Eliseu dos Mártires);

Ditos de Luz e de Amor (Escritos como “bilhetes espirituais” que São João da Cruz deixava às suas filhas Descalças para que, em sua ausência, meditassem);

Epistolário (1572–1591);

Chama Viva de Amor (redigidas entre 1582 e 1584 e comentadas entre 1585 e 1587);

Noite Escura (1582–1585);

Poesias (idealizadas na época do encarceramento em Toledo e redigidas posteriormente em Granada);

Subida do Monte Carmelo (idealizado na época do encarceramento em Toledo e redigido posteriormente em Granada, com seu término em 1585).

### **CRONOLOGIA DA SUA VIDA**

1542	Nascimento em Fontiveros (Ávila), em data desconhecida. Filho de Gonzalo de Yepes e Catarina Alvarez. São três irmãos: Francisco, Luís e João.
1545-51	Infância pobre e difícil: Quando morre o pai, a família emigra para Torrijos e não encontrando melhores condições de vida, volta a Fontiveros. Luís, o segundo dos irmãos, morre. Em 1551 fixam residência em Arévalo.
1551-64	Juventude, Formação humanística - vocação religiosa.
1551-59	Formação cultural e artesanal no Colégio da Doutrina de Medina del Campo, para onde muda a família. Ocupou-se nos ofícios de carpinteiro, alfaiate, pintor e entalhador; acólito na igreja da Madalena; office-boy e ajudante de enfermeiro no Hospital da Conceição.
1559-63	Estuda humanidades no Colégio dos Jesuítas de Medina del Campo e talvez tenha começado também Filosofia.
1563	Recebe o hábito religioso dos Carmelitas, chamando-se Frei João de São Matias.
1564	Entre o verão e o outono faz sua profissão religiosa.
1564-68	Estudos Universitários - sacerdote, reformador do Carmelo. Cursos acadêmicos de 1564-65, 1565- 66, 1566-67 na Universidade de Salamanca; matricula-se como artista.
1567	fevereiro: O Geral do Carmelo João Batista Rúbeo visita o Colégio de Santo André, dos Carmelitas, onde se encontra com Frei João, que o recordará "pelo nome de sua santidade"; abril: Foi eleito prefeito de estudantes do Colégio de Salamanca, no Capítulo Provincial de Ávila; verão: Ordenado sacerdote em Salamanca, provavelmente em julho; reza sua primeira missa em Medina, provavelmente em agosto, acompanhado de sua mãe; setembro/outubro: Encontra-se pela primeira vez com Santa Teresa, em Medina, que o conquista para dar início à sua Reforma entre os frades. Curso acadêmico 1567-68, na Universidade de Salamanca: matricula-se como presbítero e teólogo.
1568	Terminados seus estudos em Salamanca, volta a Medina; mantém colóquios com Santa Teresa; parte com ela rumo a Valladolid no dia 9 de agosto para a fundação das Descalças e permanece lá até outubro, informando-se detalhadamente da nova vida reformada; no início de outubro vai a Duruelo (Ávila) para preparar uma "alquería" para o primeiro

	convento descalço, e no dia 28 de novembro, primeiro domingo do Advento, inaugura nele a vida reformada de Carmelitas Descalços.
1569-72	Formador dos Descalços
1572	Fim de maio: chega a Ávila a pedido de Santa Teresa, como confessor e vigário do Mosteiro de Carmelitas da Encarnação, onde ela é priora.
1574	No dia 18 de março vai a Segóvia acompanhado de Santa Teresa e no dia 19 de março inauguram a fundação de Descalças, regressando a Ávila no fim do mês.
1575-76	Viaja a Medina del Campo para examinar o espírito de uma carmelita Descalça; os Calçados de Ávila levam-no prisioneiro a Medina, mas logo é libertado e restituído ao Seu cargo por intervenção do Núncio.
1576	Setembro - Participa da reunião dos Descalços em Almodóvar del Campo, que começa no dia 9.
1577-78	Encarcerado em Toledo
1577	dezembro - Na noite do dia 2 é aprisionado e tirado violentamente de sua casinha da Encarnação de Ávila, e entre o dia 4 e 8 é levado ao Convento dos Calçados de Toledo, onde fica recluso no cárcere conventual durante oito meses; ali compõe seus primeiros poemas místicos.
1578	Durante a oitava da Assunção, por volta das duas ou três horas da manhã, provavelmente no dia 17, foge do cárcere conventual se refugiando de dia no convento das Descalças. O resto do mês de agosto e todo o mês de setembro, fica escondido na casa do Sr. Pedro González de Mendoza.
1578-88	Superior de Andaluzia
1578	No início de outubro encontra-se em Almodóvar, onde participa do Capítulo dos Descalços, que começa no dia 9, e é eleito Vigário do Convento do Calvário (Jaén); de passagem para esta casa se detém em La Peñuela e nas Descalças de Beas; no início de novembro, toma posse de seu cargo que durará sete meses e meio.
1579	Durante os meses de abril e maio realiza várias viagens a Baeza, preparando a fundação de um Colégio de Descalços; vai para lá definitivamente no dia 13 de julho e no dia seguinte inaugura a fundação, onde fica como primeiro Reitor.
1580	"Ano do catarro universal": morre em Medina a mãe do santo.
1581	Do dia 3 ao dia 16 de março, participa do Capítulo de separação, celebrado em Alcalá de Henares, onde se erige a Província independente de Carmelitas Descalços; no dia 4 é eleito terceiro Definidor; após o Capítulo volta a Baeza; no dia 28 de julho preside a eleição da priora em Caravaca, onde é eleita Ana de Santo Alberto, que será uma de suas filhas espirituais prediletas; realiza várias viagens a conventos de Descalças; por volta do dia 25 de novembro, chega a Ávila para levar Santa Teresa à fundação de Granada, mas não pode consegui-lo e sai de Ávila no dia 29; os dois santos não se encontrarão mais nesta vida; no dia 8 de dezembro chega a Beas.
1582	No dia 15 de janeiro sai de Beas dirigindo-se com Ana de Jesus e suas companheiras para Granada, aonde chegam no dia 19 e inauguram a fundação no dia 20; entre o dia 25 e 30 do mesmo mês, toma posse de seu cargo de prior de Los Mártires, de Granada, para o qual fora eleito pela comunidade nos meses que antecederam.
1583	maio - Participa do Capítulo de Almodóvar, que começa no dia 1º, onde é confirmado Prior de Granada, ofício no qual permanecerá até Outubro de 1585; em novembro realiza o traslado das Descalças desta cidade para sua sede definitiva.
1584	Termina em Granada a primeira redação do Cântico Espiritual; durante estes anos redige e aperfeiçoa seus primeiros tratados espirituais.

1585	No dia 17 de fevereiro inaugura a fundação de Descalças em Málaga; em maio participa em Lisboa do Capítulo dos Descalços que começa no dia 11 e é eleito Segundo Definidor; entre junho e julho volta de Lisboa, passa por Sevilha e chega até Málaga; entre julho e setembro, em viagem para Castela, visita várias comunidades (Caravaca, Baeza, etc.); em outubro chega a Pastrana onde no dia 17 prossegue o Capítulo iniciado em Lisboa; é eleito Vigário Provincial de Andaluzia com residência em Granada, mas deixa de ser Prior desta casa.
1586	Numerosas viagens por razões do ministério e ofício: em fevereiro a Caravaca; no dia 18 de maio inaugura a fundação de Descalços de Córdoba; em junho a Sevilha, Ecija, Guadalcazar e Córdoba; em julho a Málaga; em agosto e setembro, a Toledo e Madri, onde participa da Junta de Definidores (13 de agosto a 4 de setembro); em outubro a La Mancha-Real ou Manchuela (Jaén), onde inaugura a fundação de Descalços; em novembro a Málaga e Granada em dezembro de novo a Caravaca.
1587	Entre janeiro e fevereiro, viaja a Madri, convocado pelo Provincial Padre Dória; no dia 2 de março está em Caravaca e no dia 6 em Baeza; em abril participa em Valladolid do Capítulo que se inicia no dia 18; eleito de novo prior de Granada deixa a função de Definidor e Vigário em Andaluzia.
1588-91	Membro da Consulta
1588	A partir do dia 18 de junho até 11 de julho participa em Madri do Capítulo Geral da Reforma teresiana; é eleito primeiro definidor Geral e depois, ao se estabelecer o governo chamado da "Consulta", terceiro conselheiro; vai a Segóvia com a Consulta, e é nomeado Prior-presidente desta casa e nas ausências do Vigário Geral, Padre Dória, fica como Presidente da Consulta; mas continua sendo Prior de Granada; governando por meio de um Vigário.
1589	No dia 4 de março renuncia a seu priorado de Granada e passa a ser de direito em Segóvia.
1590	Participa do Capítulo Geral extraordinário que se inicia no dia 10 de junho em Madri e se opõe às medidas extremistas do Padre Dória contra as Descalças e o Padre Gracián; no fim do mês de novo em Segóvia.
1591	Participa do Capítulo Geral ordinário que se abre em Madri no dia 1º de junho.
1591	Últimos sofrimentos e morte
1591	Junho - do Capítulo de Madri sai sem nenhum cargo; no dia 25 o Definitório aceita sua oferta para ir ao México, embora depois os superiores mudem de opinião e lhe ofereçam o Priorado de Segóvia que ele não aceita; transferem-no à Província de Andaluzia; o abandono e uma surda perseguição caem sobre ele; de Madri escreve algumas cartas; 10 de agosto - Chega como súdito a La Peñuela; um mês depois aparecem nele "umas pequenas calenturas" que nunca mais cedem; umas informações torpes querem alimentar-se nele: "filii matris meae pugnauerunt contra me"; 28 de setembro - Vai doente para Úbeda (Jaén), onde passa os últimos meses de sua vida; Dezembro - à meia-noite de 6ª-feira, 13, ao sábado, 14, morre santamente em Úbeda aos 49 anos de idade.

### **HOMENAGENS PÓSTUMAS**

1593	O seu corpo é trasladado para Segóvia, onde se conserva até hoje.
1618	Aparece a primeira edição dos seus escritos, chamada edição príncipe.
1675	Aos 25 de janeiro é beatificado pelo Papa Clemente X.
1726	O Papa Bento XIII o canoniza aos 27 de dezembro.
1926	Pio XI, o Papa Carmelitano, proclama-o Doutor da Igreja, chamando-o Doutor Místico,



	no dia 24 de agosto.
1952	É proclamado Padroeiro dos poetas espanhóis, aos 21 de março.

Muitos estudiosos perguntam do porquê de falar-se tanto na vida deste santo, pois tantos outros santos também sofreram, mas não possuem o destaque que São João da Cruz evoca nas pessoas.

Acima do sofrimento descrito resumidamente nas linhas anteriores, São João da Cruz consegue falar dos sentimentos e sensações da alma, através de seus poemas e hábitos; ele convida a tratar as pessoas como almas vivas, que sentem, sofrem e gozam de uma maneira mais intensa do que os seres humanos; ele convida a lidar com o “eu” de uma maneira disciplinada e voltada para a espiritualidade, respeitando as decisões e velocidades de cada ser humano; e, finalmente, convida a refletir sobre os temas mais comuns da vida cristã, ou seja, seu discurso está sempre atual, independente do período em que é lido.

Se é certo que São João da Cruz sofreu pela fome, miséria, perda do pai, torturas, perseguições, agressões e outras coisas, é certo também que ele mostra como suportar tudo isto, transformando dor em amor, sofrimento em sabedoria, meses e anos em experiência, solidão e dúvidas em diálogos profundos da alma.

## **BIBLIOGRAFIA**

### **LIVROS**

[1] – São João da Cruz, *Obras Completas*, Ed. Vozes

[2] – Di Berardino, Pedro Paulo, *São João da Cruz, Doutor do “Tudo e Nada”*, Ed. Paulus

### **SITES DA INTERNET**

[www.bibleplaces.com/mtcarmel.htm](http://www.bibleplaces.com/mtcarmel.htm)

[www.ancientsandals.com/overviews/mount\\_carmel.htm](http://www.ancientsandals.com/overviews/mount_carmel.htm)

[www.carmelitas.org.br](http://www.carmelitas.org.br)

[www.carmelo.com.br](http://www.carmelo.com.br)

**FIM**